

Traços transdisciplinares na obra do Padre Manuel Antunes: uma análise crítica à luz da Carta da Transdisciplinaridade/UNESCO-1994

Adérito Fernandes-Marcos¹

Marcos Luiz Mucheroni²

Resumo

Toda a obra e o pensamento do Padre Manuel Antunes reveste-se de características de grande abrangência e de capacidade de abertura à inovação, na perspectiva de que todo o pensamento crítico, sendo perscrutador do desconhecido enquanto questiona o conhecimento adquirido ou em pesquisa, não se pode fechar em si mesmo, ou separar partes do conhecimento de um todo que constitui o Universo, e o Homem como parte deste, já que se objetiva a compreensão última do Todo. Encontramos, portanto, traços de transdisciplinaridade na obra e pensamento do Padre Manuel Antunes, indicando um pioneirismo relativamente ao movimento da transdisciplinaridade que arranca com o 1º congresso da área e a respetiva carta daí resultante. Neste artigo os autores propõem uma análise crítica da obra do Padre Manuel Antunes à luz dos princípios fundacionais encontrados na Carta da Transdisciplinaridade de 1994.

Palavras-chave: Transdisciplinaridade, Padre Manuel Antunes, Carta da Transdisciplinaridade, Análise Crítica.

Abstract

All the work and thinking of Prister Manuel Antunes is characterized by a wide scope and openness to innovation, in the perspective that all critical thinking, as it searches the unknown while questioning knowledge acquired or in research, cannot be closed in on itself, or be separated apart of the knowledge of a whole that constitutes the Universe, and the Human as part of it, since the ultimate understanding of the Whole is objectified. We find, therefore, traces of transdisciplinarity in the work and thought of Father Manuel Antunes, indicating a pioneerism with respect to the transdisciplinarity movement that

¹ CIAC-Centro de Investigação em Artes e Comunicação; e INESC-TEC, Lisboa, Universidade Aberta, Portugal; aderito.marcos@uab.pt;

² CIAC-Centro de Investigação em Artes e Comunicação, Lisboa, Universidade Aberta; Escola de Artes e Comunicações da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil; mmucheroni@ciac.uab.pt

starts with the 1st congress of the area and the respective resulting charter of principles. In this article the authors propose a critical analysis of the work of Priestster Manuel Antunes in light of the foundational principles found in the Charter of Transdisciplinarity of 1994.

Keywords: Transdisciplinarity, Priestster Manuel Antunes, Charter of Transdisciplinarity, Critical Analysis.

1 Introdução

Embora amplamente reconhecida a imensa abertura cultural e pedagógica que caracterizou a vida do padre Manuel Antunes, foi no período da sua vida universitária como professor na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, que iniciou em 1957 através do ensino da História da Cultura Clássica, que podemos afirmar como o mais marcante da sua abertura ao que hoje é denominado de transdisciplinaridade.

Entre os seus alunos e individualidades que foram pelo padre Antunes certamente influenciados encontra-se Maria do Céu Guerra, Sophia de Mello Breyner Andresen, José Barata Moura e Luís Lima Barreto, entre outros, com impacto indireto no serigrafista Lima de Freitas, um dos mentores e signatários da Carta da Transdisciplinaridade de Arrábida (Freitas et al., 1994).

O padre Antunes atuou como diretor e redator da prestigiada revista *Brotéria* (1965-1982) na qual escreveu centenas de artigos sobre Crítica Literária, Educação, Cultura, Filosofia, Classicismo, Política, Teologia e Economia, assinando artigos com o próprio nome ou com pseudônimos. Escreveu Sophia de Mello Breyner Andresen, no poema *Velho Abutre* (Andresen, 1976):

Velho abutre é sábio e alisa as suas penas,
A podridão lhe agrada e seus discursos
Tem o dom de tornar as almas mais pequenas

Seus interesses transdisciplinares incluem: cultura, educação, política, religião, teologia, espiritualidade, estética e crítica literária, e pode ser estudado naquilo que foi realizado sob a organização de José Eduardo Franco e Hermínio Rico, que inclui uma equipa multidisciplinar como os professores Arnaldo Espírito Santo, e Luís Machado de Abreu, e que resultou numa obra atualizada do seu pensamento *Portugal, a Europa e a Globalização: Padre Manuel Antunes* (2017), da editora Bertrand. Lê-se no prefácio desta obra, de seu prefaciador contumaz José Eduardo Franco (Antunes, 2017):

Nos auspiciosos e utópicos anos 60 e 70 do século XX, Manuel Antunes emergiu como um intelectual da cidade e do mundo com um pensamento político e social inovador, prospetivo. Antunes era um hermeneuta fino do presente e um pensador político do futuro.

Outro ponto marcante de seu pensamento transdisciplinar está na obra de profunda influência no pensamento universitário português *Repensar Portugal* (2011) cuja primeira edição é de 1979, ambas publicadas pelo editorial Multinova, onde o texto que claramente aponta para a multiculturalidade e a diversidade, com a necessária conexão entre a tradição e a modernidade, mas não sem alguma utopia, ou aquilo que o padre Antunes denomina de “realismo utópico”. Escreveu José Eduardo Franco no prefácio desta obra:

De todo um povo. Que não apenas de um grupo. Importa que as alegrias e as tristezas, os encargos e as esperanças, os sofrimentos e as exultações que, por princípio, são comuns afetem real, efectiva e equitativamente a todos. Sem párias e sem parasitas; sem privilégios e sem proscritos; sem humilhados e sem disfarçados. É isso que articula a ligação de todos os membros do mesmo espaço social. É isso que permite ao conjunto sobreviver nas horas de prova.

A maturidade desta obra não é apenas teórica, mas fruto do trabalho realizado de 1972 a 1974 quando o padre Antunes foi Conselheiro do Grupo de Planeamento Cultural do Ministério da Educação Nacional.

Na sua obra *Paidéia* (Antunes, 2005) Antunes tem um olhar aguçado sobre o ideal grego da teoria (vista como contemplação, no sentido de complementação à ação), o aretê (virtude como ciclo contrário aos vícios) e a *kalokagathia* (o belo e o bom, no sentido amplo dado pelos gregos), não é senão um combate ao já nascente desenvolvimento da irracionalidade e da pouca profundidade, a qual o padre Antunes usava a palavra esbatimento, a pouca intensidade e agudeza do pensar.

Concentram-se aqui os estudos acerca da sua obra de maior adesão ao pensamento transdisciplinar que é *Repensar Portugal* (Antunes, 2011).

No seu “humanismo dialogal” e na sua visão do homem, pode-se encontrar linhas do primeiro artigo da Carta da Transdisciplinaridade (Freitas et al., 1994): “Qualquer tentativa de reduzir o ser humano a uma mera definição e de dissolvê-lo nas estruturas formais, sejam elas quais forem, é incompatível com a visão transdisciplinar”, o que na visão antuniana pode ser descrita assim:

“O homem tem necessidade de valores em que possa acreditar, de modelos que possa seguir. Quando esses valores e modelos faltam ou diminuem na sua incentividade, é o caos moral, a anarquia, a desorientação”.

Já no preâmbulo da carta, esta preocupação é clara:

Considerando que a ruptura contemporânea entre um saber cada vez mais cumulativo e um ser interior cada vez mais empobrecido leva à ascensão de um novo obscurantismo, cujas consequências, no plano individual e social, são incalculáveis. (Freitas et al., 1994).

Para Manuel Antunes é na compreensão do Todo que reside o desígnio maior das disciplinas, ainda que com resultados sectoriais, proporcionam a visão integrada do Ser Humano no Universo e o seu sentido último de existência.

2 Repensando Portugal, “se calhar” a cultura contemporânea

A leitura atenta e contemporânea de José Eduardo Franco, delineia no prefácio a importância do pequeno *Repensar Portugal*, dentro de uma obra tão vasta:

O essencial daquilo que podemos chamar o seu “pensamento democrático” encontra-se reunido neste livro: *Repensar Portugal*. A diminuta extensão deste livro pode iludir quanto à grandeza e ao valor da síntese da reflexão antuniana sobre o Portugal pós-abrilino. É um livro sagaz e de uma tal lucidez que o torna válido para além do seu contexto epocal.

Nesta obra o padre Antunes já se defronta com a crise do pensamento ocidental, como dele falaram muitos outros autores contemporâneos tais como Husserl, Heidegger e Gadamer. Mas é na amplitude deste pensador e na sua proposta de *Repensar Portugal* que se pode encontrar alguns elementos novos, tanto em clareza como em profundidade, um olhar aguçado e claro sobre a crise do pensamento ocidental.

A influência fenomenológica e gadameriana foi confirmada na Abertura do evento de 100 anos do Padre Manuel Antunes por Dr. José Carlos Seabra Pereira que apontou influência gadameriana no pensamento literário do padre Antunes, encontrada no seu texto de crítica literária e fenomenológica, da revista *Brotéria* (Antunes, 1963). Seu pensamento não passou sem tensões, mas sua atualidade pode ser comprovado por aquilo que José Eduardo Franco chama no prefácio da obra analisada de “humanismo dialogal” próprio de grandes pedagogos como Paulo Freire e Martin Buber, com possíveis paralelos.

O paralelo com a contemporaneidade está também apontado pelo prefaciador: “A reflexão antuniana sobre Portugal, embora seja original, não aparece isolada”, não só porque contextualmente não pode ser, mas principalmente porque vai delineando os fatos históricos de Portugal: os regressados à pátria, a revolução dos cravos, a busca de uma identidade, fatores que ao ingressar na Comunidade Europeia foram fundamentais, pois entrava como nação e não como um país menor ou com espírito de pequenez.

Escreveu o padre Antunes sobre este sentimento anterior, aquilo que chamava de:

... condição geral dos portugueses como algo a superar: “É o queixume – cuja relação com a inveja é das mais estreitas; enfim, uma última razão parece ser decisiva para dar às invejas um lugar privilegiado na sociedade portuguesa atual: o facto de esta sair de um regime de desvalorização, humilhação e mutilação das forças de vida do indivíduo. (prefácio José Eduardo Franco, p. 11).

Escreve ainda o prefaciador:

... era a possibilidade do termo do isolamento internacional, daquele “orgulhosamente sós” que é a contradição mesma do mundo em que vivemos. Era o suspenso despertar de um pesadelo de anos, cada vez mais denso, cada vez mais escuro. (Antunes, 2011: 12).

Era o despertar de Portugal para um pensamento mais universal, que tinha nas suas origens feita também de navegadores além-mar, mas que parecia adormecida por um sentimento de menoridade.

O que parecia já invertido, segundo o padre Antunes, na revolução dos cravos com uma “*vasta disponibilidade à abertura de uma por vezes cândida e larga*” (idem, p. 12), o filósofo vai fazer uma generosa síntese da alma portuguesa, lembrando momentos de sua história. Lembra-se assim que foram

... nos marcos das grandes revoluções e mudanças que balizam a de Portugal: os anos de 1385, 1640, 1820, 1910 e 1926. O 25 de Abril inscreve-se nessa genealogia e não poderia deixar de suscitar o repensar da herança e do sentido da existência portuguesa” (ibidem, p. 12).

O padre Antunes parte, não de um espírito idealista, embora seja leitor atento de Hegel com várias citações em sua obra, mas de um Portugal concreto, no seu dizer:

... povo místico mas pouco metafísico; povo lírico mas pouco gregário; povo activo mas pouco organizado; povo empírico, mas pouco pragmático” (idem) e destaco o traço mais essencial que difere-a de toda Europa: “povo convivente, mas facilmente segregável por artes de quem o conduz ou se propõe conduzi-lo” (Antunes, 2011, p. 37),

para alcançar um futuro promissor, com a antevisão de integração na Comunidade Europeia: diz “partindo do país que somos”, sem colocar ao lado: “nossos problemas mais graves: o do Ultramar, o da emigração, o dos múltiplos atrasos que nos afectam nos campos político, social, económico, científico, tecnológico e cultural.” (Antunes, 2011: 38), relevando a constatação de que “durante cinquenta anos se viveu na hipertrofia do Estado”, e isto é válido não só na Europa, mas também em muitos modelos de estados contemporâneos.

O padre Manuel Antunes, via o mundo contemporâneo numa deriva desumanizante, ao falar do processo de globalização, que pelo seu pensamento poderia ser melhor definida com uma glocalização, isto é uma mundialização que reconheça e parta de valores de cada cultura local, via um crescente domínio do *homo mechanicus* gerado a partir da revolução industrial e de certa forma esvaziado pela era tecnológica contemporânea, defendia a sua superação por um novo tipo de homem, que chamava de *homo misericors*, capaz de salvar o planeta partir de uma cultura da misericórdia e da fraternidade. Afirmava que esta cultura é a única capaz de ter

... uma força que desperta ante o espetáculo desolado da miséria alheia. É um olhar que vivifica e não mata, salva e não condena, ergue e não deprime. É um impulso para agir sem cumplicidade e para reunir sem massificar. É uma vontade de sair de si, da prisão do próprio 'eu', para transformar o mundo e se transformar a si mesmo em permanente e incansável reciprocidade. (Antunes, 2005, p. 86).

Aqui outro paralelo com as obras de Paulo Freire e Martin Buber, para quem o processo pedagógico é indissociável de uma relação de reciprocidade entre estudantes e professores, ou num discurso mais atual numa hermenêutica capaz de pôr em relação diferentes discursos, como um dos pontos essenciais na descoberta da pedagogia emancipadora. O essencial da obra de Martin Buber, além de todo um paralelo dialógico possível com o Padre Antunes, são duas relações que considera fundamentais eu-tu e eu-isso como parte do movimento humano na relação com o mundo.

Para Buber (1923/2001), a relação descrita na sua principal obra Eu-tu (1977) são as interações presente em cada relacionamento, enquanto ativa nesta atitude eu-tu, a pessoa entra em relação, se deixa impactar, permite-se atravessar pela presença viva do outro, seja este outro uma pessoa, uma situação, uma obra ou um ente qualquer. Mas diferencia a relação eu-tu do eu-isso:

A palavra-princípio Eu-Tu só pode ser proferida pelo ser na sua totalidade. A união e a fusão em um ser total não pode ser realizada por mim e nem pode ser efetivada sem mim. O Eu se realiza na relação com Tu; é tornando Eu que digo Tu” (Buber, 1977: 13).

Não há referência direta de Buber à Paidéia, sua relação dialogal entretanto é clara e visa o todo, a relação com o outro não apenas como causa ou como inteligência.

Pode-se encontrar também no auge do pensamento global antuniano, uma profunda relação com a visão de cidadania planetária de Edgar Morin (Kern & Morin, 2001) para o qual é possível pensar numa utopia realista, na qual todos os seres humanos se sintam membros da Casa Comum do Planeta no qual nos foi dada a missão de conviver e de cuidar, pensando nas gerações futuras.

Seu projeto era tão audacioso que não deixava de apontar para a Comunidade Europeia: “O apontar para a integração na Europa tem, além de outras, essa vantagem. A Europa é o continente da universalidade pela sua ciência, a sua técnica, a sua cultura” (Antunes, 2011: 57). Via no seu projeto universal não a negação da nacionalidade, ao citar Kierkegaard: “cada homem é uma exceção”, mas acrescenta e generaliza: “cada povo é uma exceção, mesmo tendo a vocação geral de todos à Universalidade” (Antunes, 2011: 57).

Estes princípios advertem diversos autores, entre eles os autores da carta de Arrábida, são incompatíveis com uma visão segmentada de ciência, de mundo e de homem.

3. Os Princípios da Transdisciplinaridade e o Pensamento Antuniano

Um dos pontos essenciais da carta de Arrábida e com um grande ponto de contato com o pensamento antuniano é o obscurantismo e a fragmentação do pensamento contemporâneo, que dividiu saberes em partes, na maioria das vezes, não separáveis de todo.

A Carta da Transdisciplinaridade estabelece em seu prefácio:

... a ruptura contemporânea entre um saber cada vez mais acumulativo e um ser interior cada vez mais empobrecido leva à ascensão de um novo obscurantismo, cujas consequências sobre o plano individual e social são incalculáveis. (Arrábida, 1994).

Um primeiro ponto a assinalar é a definição do *homo mechanicus*, fruto da era industrial, posto em contraposição ao *homo misericors* fraterno e solidário, o qual será incompatível com uma visão mecanicista e pragmática de ciência e pedirá, o padre Antunes, uma Revolução: “Porque só a totalidade é concreta e só a totalidade é compreensível” (Antunes, 2011: 61).

Como já referido os interesses transdisciplinares do padre Antunes incluíam: cultura, educação, política, religião, teologia, espiritualidade, estética e crítica literária, todos temperados com uma vasta erudição desde a cultura grega clássica até aos estudos de Hegel e da Pedagogia. Estudioso da cultura clássica, mas sem fragmentá-la ou separá-la do homem, por isso sua obra pode ser considerada com de facto uma *Paidéia*, ideal grego que não separava educação de ética, e que incluía entre os estudos: Ginástica, Gramática, Retórica, Música, Matemática, Geografia, História Natural e Filosofia.

Dois pontos de grande contato entre a Carta da Transdisciplinaridade e o pensamento antuniano são além do prefácio que já apontamos, especificamente os artigos 1 e 13 que estabelecem:

Artigo 1 - Qualquer tentativa de reduzir o ser humano a mera definição e de dissolvê-lo nas estruturas formais, sejam elas quais forem, é incompatível com a visão transdisciplinar. (Freitas et al., 1994)

que é convergente com “o homem integral” do padre Antunes.

Artigo 13 - A ética transdisciplinar recusa toda atitude que recusa o diálogo e a discussão seja qual for sua origem - de ordem ideológica, científica, religiosa, económica, política e filosófica (Freitas et al., 1994)

e pode-se ler no pensamento antuniano:

É fácil fazer proclamações ideológicas como se elas contivessem a última e definitiva verdade. É fácil apontar programas, inumeráveis e ideais, mas que não mordem no real. (Antunes, 2011: 38).

A universalidade e a importância para a transdisciplinaridade não param aí, um dos pontos fundamentais na pedagogia moderna, para além da integração, é o aspecto dialógico.

Partindo da sua erudita e ampla ideia da Paidéia, o seu projeto educativo pressupõe um projeto de cultura, de homem e de sociedade, considerando perigosa a ideia de mera transmissão de instrução, aquilo que também foi desenvolvido por Paulo Freire. O padre Antunes vê cultura, entendida à maneira grega da Paidéia, como “totalidade da obra criadora” de um povo, que desenvolve seu projeto pedagógico:

Uma educação ou é total ou simplesmente não é. Uma educação ou tem em conta todas as aspirações do homem ou não passa de um logro. Pretender construir uma ‘ciência’ da educação sem que nela influa, para nada, nem a moral nem a metafísica é edificar sobre a areia. É o todo do homem que está em causa e não apenas a inteligência. Uma sociedade de autêntico desenvolvimento do “homem todo e de todo o homem”, que não mera associação contratual para um simples crescimento.” (Antunes, 2011: 31).

E esse todo, como diz Blondel, joga-se “na ação que é o centro da vida”, referência clara ao seu humanismo dialógico.

O padre Antunes afirma ainda: “É fácil fazer proclamações ideológicas como se elas contivessem a última e definitiva verdade. É fácil apontar programas, inumeráveis e ideais, mas que não mordem no real” (Antunes, 2011, p. 38), um dos pontos de contato com a pedagogia de Paulo Freire. Em ambos é vital esta ligação ao real e à ação, podendo-se encontrar nos escritos de Paulo Freire sempre este apelo, tal como em uma

de suas obras iniciais: “este modo de pensar, dissociado da ação que supõe um pensamento autêntico, perde-se em palavras falsas e ineficazes” (Freire, 1980: 87).

Somado ao contacto e muitas vezes até a fusão entre disciplinas isoladas, há um aspeto essencial que fica abandonado ou relegado ao fundamentalismo radical, mas vazio, que é a dimensão da espiritualidade, um ponto de relação último, porém essencial na relação do Padre Manuel Antunes e a Carta da Transdisciplinaridade.

A Carta de Arrábida estabelece um ponto de indiscutível contacto com toda a obra do jesuíta Antunes, e como tal, um profundo estudioso da espiritualidade, que é a abertura ao espiritual, onde se estabelece como postulado pelos pensadores da Arrábida: “A visão transdisciplinar está resolutamente aberta na medida em que ela ultrapassa o domínio das ciências exatas por seu diálogo e sua reconciliação não somente com as ciências humanas mas também com a arte, a literatura, a poesia e a experiência espiritual” (Freitas et al., 1994), que pode ser uma síntese dos pontos aqui traçados que fazem da obra do padre Manuel Antunes um contributo inestimável na urgência de um novo pensamento fundado na transdisciplinaridade.

4 Conclusão

Partindo dos traços essenciais da Carta da Transdisciplinaridade (ou Carta da Arrábida) podem-se estabelecer ligações com o pensamento antuniano, identificando linhas comuns ou de convergência que se substanciam na urgência imposta pelo padre Antunes do estudo do Todo, do *homo misericors*. Toda a obra e o pensamento do Padre Manuel Antunes reveste-se de características de grande abrangência e de capacidade de abertura à inovação inter- multi- e mesmo transdisciplinar, cujas linhas mestras procuramos descortinar neste artigo, que se arroga apenas de constituir-se como uma simples pedrinha lançada no enorme lago de pesquisa e reflexão que aguardam ser realizados. Seria, certamente, possível aprofundar o detalhe, tanto na destrição do carácter transdisciplinar do pensamento antuniano, como também dos pontos ou linhas de divergência ou até mesmo de confronto, mas ao propormos uma leitura mais hermenêutica, ela própria mais dialógica e olhando o essencial, descobre-se pontos muito essenciais para pensar a educação do futuro, as mudanças em curso e as necessidades contemporâneas, e repensar não apenas Portugal, se “calhar” a Europa e o planeta.

Em Manuel Antunes encontramos já os traços de um mundo melhor, inclusivo, onde a compreensão do Todo não se perde nos meandros das Partes.

Referências

- Andersen, S. M. B. (1976). *Livro Sexto*. Lisboa: Moraes
- Antunes, M. (2005). *Paideia: Educação e sociedade*. Tomo II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Antunes, M. (2011). *Repensar Portugal*. Lisboa: Multinova, 2011.
- Antunes, M (2017). *Portugal, a Europa e a Globalização*. (org.) José Eduardo Franco, Prefácio de José Farinha Nunes e Posfácio de António J. Trigueiros. Lisboa: Bertrand Editora, 2017.
- Antunes, Manuel. (1963). Crítica literária e fenomenologia, *Brotéria*, vol. 78, n. 4, abril de 1963.
- Buber, M. (1977). *Eu e Tu*. Tradução de Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Cortez e Moraes.
- Freire, P. (1980). *Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. 4. ed. São Paulo: Moraes.
- Freitas, Lima de; Morin, E. e Nicolescu, B. (1994). *Carta da Transdisciplinaridade*. Convento de Arrábida: Disponível em: <http://www.apha.pt/wp-content/uploads/boletim1/CartadeTransdisciplinaridade.pdf>, Acedido em: outubro de 2018.
- Kern, A. B., Morin, E. (2001). *Terra-Pátria*, Lisboa: Instituto Piaget.
- Ausubel, D. (2003). *Aquisição e Retenção de Conhecimentos: Uma Perspectiva Cognitiva*. Lisboa: Plátano Edições Técnicas, 2003.

Notas biográficas:

Adérito Fernandes-Marcos é Professor Catedrático da Universidade Aberta; Fundador e Diretor do Doutoramento em Média-Arte Digital, um curso em associação entre a Universidade Aberta e Universidade do Algarve; membro integrado do CIAC – Centro de Investigação em Artes e Comunicação; investigador colaborador do INESC-TEC; Presidente da Artech-International; e Fundador do INVITRO - Centro Transdisciplinar

para a Arte, Tecnologia e Ciência, Lisboa. É editor-chefe das seguintes revistas científicas: Revista Internacional para as Interfaces Criativas e Computação Gráfica (IJCICG ISSN: 1947-3117); Revista Internacional para os Estudos Transdisciplinares em Artes, Tecnologia e Sociedade (ARTeFACTo; ISSN: 2184-2086).

Marcos Luiz Mucheroni é Professor Adjunto da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. É orientador de mestrado e doutorado no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Realiza atualmente um pós-doutoramento no CIAC-UAb.